

MÃE CORAGEM

Maria Rosa Leite Monteiro vai publicar suas memórias de vida e desaparecimento do filho Honestino Guimarães

Com a abertura do processo na OAB, pelo presidente do grupo *Tortura Nunca Mais*, Norton Guimarães, para saber do paradeiro de seu irmão, o líder estudantil Honestino, desaparecido em 1973, a mãe de ambos, dona Maria Rosa Leite Monteiro, terá também que reabrir uma velha ferida e ir até o fim, com a coragem que a fez superar amarguras dignas de personagens da literatura. E ela está confiante de que encontrará o que busca: a verdade, com data e local, sobre o destino do filho, depois que foi preso pelos agentes do Cenimar, no Rio de Janeiro, e nunca mais visto nem sabido. É chegada a hora também de dona Rosa reavaliar os originais de *"Honestino, um mártir da repressão"*, escrito entre 1983 e 1988, e de publicá-lo, com o objetivo de reavivar à memória "uma história que não pode ser esquecida porque é uma dívida do País", como ela mesma frisa. Aguerriada, mãe de quatro filhos, jamais se descontrolou ante o drama em que sua família se viu envolvida e que ela relatou à repórter *Eliana Silva*. (Colaborou *Angélica Torres*)

"Honestino sempre foi muito inteligente, estudioso, um grande leitor. Eu e seu pai procuramos desenvolver a capacidade intelectual dos nossos filhos e acho que tudo começou dessa consciência que queríamos desenvolver ao máximo, para fazer deles pessoas com certeza de sua importância como ser humano e cidadão brasileiro.

Com a fundação de Brasília, viemos de Itaberaí (GO) para cá com o objetivo de dar aos nossos filhos a oportunidade de se desenvolverem junto com a cidade. Chegamos em 1960, o Honestino estava na quarta série ginásial e foi para o Elefante Branco. Eu era professora, tinha começado a lecionar aqui também e fui chamada ao colégio para receber o resultado de um teste vocacional em que o Honestino mostrou uma inteligência de nível superior, era quase em superdotado, o que para mim não era novidade, porque eu conhecia a potencialidade dele. Do Elefante ele foi para o Ciem, um colégio que era integrado à UnB, onde aproveitou muito do trabalho maravilhoso que lá era desenvolvido.

Aos 17 anos ele entrou para a UnB. Passou em primeiro lugar para Geologia. Nessa época veio a dita revolução, quando os alunos começaram a se envolver com política estudantil, porque eram pessoas preparadas para julgar, analisar, participar. Era isso que a universidade fazia, mentes claras, conscientes, era assim que se preparava o aluno e o que tinha boa qualidade intelectual absorvia todos esses ensinamentos.

Já havia um diretório na UnB, ele participava das reuniões, até que entre 1965 e 1966 viu-se envolvido com uma prisão completamente ilógica. Era época do governo Castello Branco e ele, junto com colegas e dois primos de Goiânia que comemoravam a vitória no vestibular da UnB, foram pegos em flagrante fazendo pichações "abaixo a ditadura". O Honestino tinha 18 anos, os outros 17, e ficaram em prisão comum durante 31 dias.

Foi aí que começou a projeção política de Honestino, porque repercutiu na UnB. Nos dias de visita, a prisão ficava cheia de rapazes e moças e quando ele saiu de lá foi eleito presidente do Diretório Acadêmico da UnB. Aí foi aquela loucura. Fez inúmeras passeatas com muita gente, eu e meu marido participávamos de tudo — não que a gente aprovasse ou desaprovasse. Quando víamos, a coisa já estava acontecendo, o outro filho participando do diretório do Elefante, foi tudo muito rápido e começaram as perseguições, eles revistando a casa e o negócio ficando muito sério.

Entre 1964 e 1968, Honestino teve três outras prisões. Eram prisões, *habeas corpus*

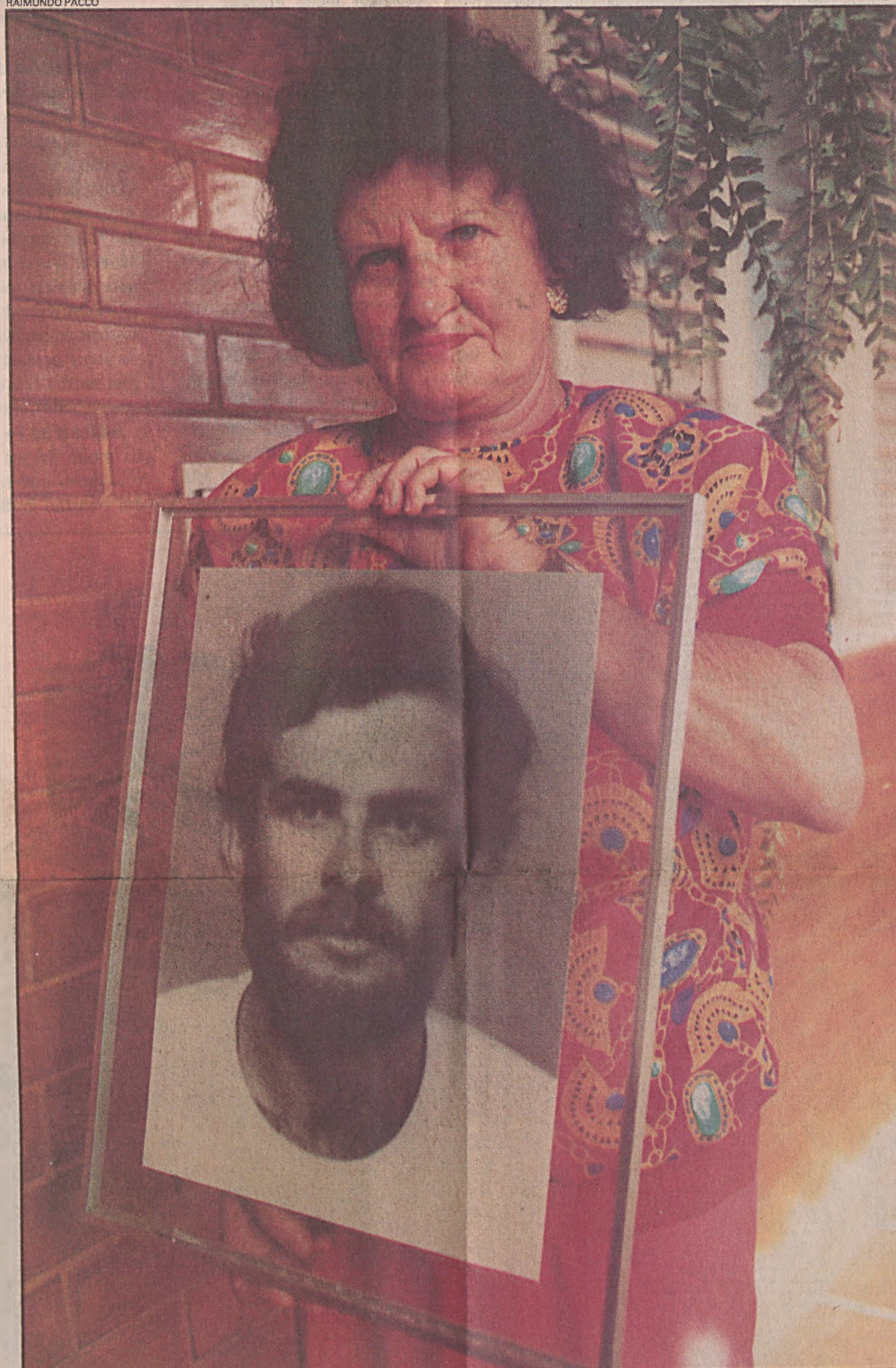
e mais prisões e nesse interim ele se casou. O casamento foi uma coisa doida também... Foi por procuração: o pai que se casou no lugar dele, tudo secreto para não ser preso. A gente vivia um clima terrível. Honestino depois passou a participar de um partido político que hoje nem existe, o AP (Ação Popular). Ele era um idealista. Não pertencia à luta armada? Nunca empunhou uma arma. Era considerado um dos mais inteligentes homens daquela época. Era tido para a repressão como um homem perigoso porque diziam que não precisava de armas, que a arma dele era a fala. Ele representava um perigo e por incrível que pareça, aquele povo tinha muito medo de perder a força e o poder. Na época em que ele foi sequestrado era a pessoa mais procurada do País.

Depois do AI-5 acabou o direito de defesa, então todos os *habeas corpus* que tinham sido lavrados anteriores ao Ato perderam o valor. Honestino foragiu durante cinco anos, porque seria preso, que, aliás, seria melhor, entregar-se com um advogado para não ser consumido. Saiu o AI-5 e no dia seguinte invadiram minha casa, prenderam e sumiram com meu filho caçula, o Norton. Daí, aquela loucura, aquela procura e na noite em que o meu marido conseguiu tirar Norton da prisão, já transtornado com tanta coisa, bateu o carro e morreu.

Durante esse tempo em que Honestino ficou na clandestinidade, nos encontrávamos sempre com ele. Tínhamos esquema para saber notícias dele e, no dia 11 de dezembro de 1973, soubemos que ele havia sido preso no Rio de Janeiro. Era lá que estava e foi lá que *foi caído*. Naquela época quem fazia a repressão lá era o CENIMAR, então só poderia ter caído nas mãos deles. Fui ao Rio, botei um advogado aqui, outro lá e em São Paulo para pedir *habeas corpus*. A CNBB nos ajudou demais. D. Evaristo Arns foi um defensor dos estudantes jovens que estavam nessa situação.

Um dia pude ter certeza que o Honestino, do Rio, teria vindo para Brasília. Fiquei sabendo que ele estaria onde tinha processo e era em Brasília, Rio e São Paulo. A atuação maior dele foi em Brasília e em São Paulo na época da clandestinidade, porque ele

RAIMUNDO PACCO



"Meu coração de mãe não aceitava o Honestino ter morrido assim"

também tinha sido eleito presidente da UNE. E acabei chegando à conclusão de que ele, de Brasília, foi transferido para São Paulo, onde morreu. Porque correram boatos que provinham todos de São Paulo e tudo indicava que ele tinha saído daqui para lá. Fui juntando os fios da meada.

Eu fui a última a acreditar que poderia não encontrá-lo vivo. Meu coração de mãe não aceitava o Honestino ter morrido assim. E pela lógica, depois de tudo veio a anistia. Anistiados os perseguidos políticos, os carascos, mas não os desaparecidos. O que fizeram com os desaparecidos? Não deram o direito da sepultura ou de um documento que dissesse: esse já não está no mundo dos vivos. Ninguém pode ser enterrado sem o atestado de óbito. Então, a anistia foi a resposta mais cabível.

Busquei forças em Deus e é fácil encontrar respostas quando se é uma estudiosa espiritista. Mas não amenizou. Ficou uma marca muito profunda em mim. Tenho outros dois filhos homens que sofreram muita repressão por causa do irmão. Não é um conhecimento religioso que vai abonar uma conduta criminal. Nós temos um grupo da Câmara dos Direitos Humanos e temos outro grupo, *Tortura Nunca Mais*, que quem que não aconteça isso nunca mais no País.

Encontrei muitos familiares de desaparecidos que lutaram muito e que ainda têm lutado. Estivemos com o Golbery, com dom Evaristo, em muitos lugares. Durante muito

tempo não permiti que ninguém falasse no assunto, nem familiares, porque a chaga é muito grande. Agora aceitei que o meu filho Norton, que é presidente do *Tortura Nunca Mais*, abrisse o processo na OAB para saber do paradeiro do Honestino e tenho que ir em frente.

Sou muito amada como mãe. Honestino era quase um namorado meu. Ele na clandestinidade no Rio, uma amiga disse; poxa, está parecendo um casal de namorados... a gente tomando chope, conversando junto, tínhamos muita amizade. Eu era louquinha por ele e ele me chamava de supermãe. Para mim não é nada engraçado, não é fácil falar nisso; é a história do meu maior desgosto, a minha história, a história do meu filho.

Mas, do que esse povo tinha medo? Eram jovens que se defendiam através da palavra bem articulada. Olha o que está o nosso País hoje... se for premiada a injustiça, a repressão terrível e injusta... As mães devem começar a analisar e também exigir essa justiça porque existem filhos de muitas outras que passaram por experiências terríveis e até hoje, 19 anos depois, onde estão eles? São 283 no nosso País, fora os anônimos. Essas mães

têm que continuar a empunhar essa bandeira junto comigo. Não estou querendo vingança. Estou querendo que digam: realmente foi preso, foi pego e morto dia tal porque não resistiu à tortura. Em tal lugar.

Esses corpos foram todos jogados em vala comum, portanto difíceis de se identificar. Não precisam dizer quem fez, eu sei que não foi feito por uma só pessoa. Eu sei que não teve só um que bateu até matar. Os aparelhos de tortura eu sabia, principalmente em São Paulo. Eram todos copiados da época da Alemanha de Hitler, perfeitos... Eu não vi aparelhos de tortura, mas sabia deles.

Se a gente quiser acreditar no País, no governo do nosso País, nos homens do nosso País, é preciso que busquem essa justiça, que dêem resposta a uma família, a uma mãe, a uma filha. Honestino deixou esposa e uma filha. Uma esposa que nunca pôde dizer se é viúva e uma filha que não sabe se o pai... mas não é só ele. São muitos".

S.F. Jóias

Venâncio 2000 -
1º Subsolo - Fone: 224-3776
Conjunto Nacional Brasília -
2º Piso - Fone: 226-9351